

# MACHADO DE ASSIS: PERMANÊNCIAS

## **Márcia Rohr Welter**

Mestranda em Processos e Manifestações Culturais, bolsista PROSUC/CAPES, pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).  
E-mail: marcia\_r\_welter@hotmail.com

## **Juracy Ignez Assmann Saraiva**

Pós-doutora em Teoria Literária pela Universidade de Campinas (Campinas/Brasil).  
Professora e pesquisadora da Universidade Feevale e bolsista em produtividade do CNPq (Novo Hamburgo/Brasil).  
E-mail: juracy@feevale.br

Recebido em: 18 de março de 2020

Aprovado em: 13 de julho de 2020

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 17 | n. 3 | p. 185-189 | set./dez. 2020

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v1i0.2024>

GUIMARÃES, Hélio de Seixas; SENNA, Marta de (Orgs). *Machado de Assis: permanências*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa: 7Letras, 2018.

### **MACHADO DE ASSIS: PERMANÊNCIAS**

A obra *Machado de Assis: permanências*, impressa em parceria pela Fundação Casa de Rui Barbosa e editora 7Letras e organizada pelos pesquisadores Hélio de Seixas Guimarães e Marta de Senna, reúne 17 ensaios desenvolvidos por estudiosos da obra machadiana. Conforme os organizadores da obra, o livro possui como finalidade reabrir a questão das impressões deixadas por Machado de Assis em escritores do século XX. Desse modo, como apontam Hélio de Seixas e Marta de Senna, *Machado de Assis: permanências* apresenta-se como uma continuidade de *Machado de Assis e o outro: diálogos possíveis*, lançado em 2012, obra em que são explorados os diálogos do próprio Machado de Assis com escritores da tradição ocidental. Neste livro, é dada ênfase a novas e inesperadas interlocuções de escritores e críticos com a obra machadiana, como indicam os organizadores.

Organizados em ordem alfabética, segundo o nome de seus autores, os ensaios iniciam com o texto do professor da Universidade de São Paulo e membro da Academia Brasileira de Letras, Alfredo Bosi. Em “Augusto Meyer: crítica machadiana e memória”, Bosi investiga as articulações entre crítica e criação nos ensaios de Meyer, em que, conforme o ensaísta, ocorre uma alteração das análises do estudioso gaúcho, que migra do biografismo psicológico para o ângulo estético e estilístico.

Ana Maria Machado – escritora, jornalista e membro da Academia Brasileira de Letras –, revela, em “A mulher do ex-seminarista brasileiro”, relações de sua produção literária com a obra de Machado de Assis. A escritora conta que seu primeiro contato com o escritor fluminense se deu na escola, por meio de contos, e na adolescência, ao ler *Dom Casmurro*. Após inúmeras releituras do romance, Capitu tornou-se uma de suas heroínas preferidas e foi, por meio de um diálogo intertextual, incorporada a um de seus romances.

O ensaio de Bluma Waddington Vilar – tradutora e escritora –, “O caloteiro e o cobrador ou como deixar de pagar segundo Machado de Assis e Rubem Fonseca”, explora as relações entre moral e economia nas obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro* e no conto “O cobrador”, de Rubem Fonseca. Vilar destaca que Machado de Assis e Rubem Fonseca valem-se da linguagem da lógica e de metáforas relativas a dívidas para chamar a atenção para uma relação naturalizada entre o desvio moral e o mercado financeiro.

Os ensaios de Hélio de Seixas Guimarães, Pedro Moreira Monteiro e Lucia Helena discutem a relação de Machado de Assis com a tradição da literatura brasileira. Em “Presença inquietante: sobre a incorporação

de Machado de Assis ao cânone literário moderno”, Hélio de Seixas Guimarães – professor da USP e pesquisador do CNPq – tem por objetivo traçar o caminho da assimilação de Machado de Assis por seus posteriores, que foi primeiro incorporado à tradição moderna e depois tornado um clássico da literatura brasileira. No texto, Hélio de Seixas apresenta autores que se manifestaram a respeito de Machado: Graça Aranha, primeiro a recuperá-lo; Oswald de Andrade, favorável a Machado de Assis; Mário de Andrade, para quem o escritor seria sempre um “engasgo” e Carlos Drummond, que realizaria a melhor assimilação do escritor carioca. Seguindo uma linha temática semelhante à de Guimarães, o professor de literatura brasileira na Princeton University, Pedro Moreira Monteiro, esclarece, no ensaio “Machado de Assis: uma flor desajeitada no jardim modernista”, a origem do desconforto modernista perante Machado de Assis. Pedro Moreira afirma que o escritor carioca não era o “homem brasileiro” de Mário de Andrade, mas que, a partir da década de 1930, buscaram-se razões que o definam como tal. No ensaio “Somente a antropofagia nos une: Machado de Assis e Oswald de Andrade: uma lição levada adiante”, a professora e pesquisadora Lucia Helena, relaciona o processo de corrosão na metáfora do verme, presente em *Memórias Póstumas*, com o pensamento sobre arte e cultura e a metáfora da antropofagia de Oswald de Andrade.

Ieda Lebensztayn – pesquisadora de pós-doutorado e bolsista do CNPq –, no texto “O estilo das patas quebradas: Léo Vaz, professor à Machado”, traz à tona um nome pouco lembrado da tradição literária brasileira. A ensaísta apresenta a crítica feita ao livro de Léo Vaz, por ocasião de seu lançamento e rememora a comparação feita por Monteiro Lobato entre o autor de *O professor Jeremias* e Machado de Assis para, na sequência, apontar diferenças e aproximações entre o estilo dos dois escritores.

João Roberto Faria, professor de literatura da USP e autor de diversos estudos sobre a relação de Machado de Assis com o teatro, no texto “Machado de Assis encenado por Ziembinski e Ruggero Jacobbi”, dá prosseguimento às suas investigações no campo teatral. Faria, considerando comentários sobre as adaptações das peças de Machado apresentadas no século XX, desmente a avaliação de Quintino Bocaiúva de que as peças do escritor fluminense não eram destinadas ao palco.

No texto “Leitores nas margens de Missa do Galo”, Juracy Assmann Saraiva – professora da Universidade Feevale e pesquisadora do CNPq –, analisa o ato de leitura e de escrita do conto “Missa do Galo”, a partir das variações produzidas por Osman Lins, Julieta Ladeira e Lygia Fagundes Telles, que constam da obra *Missa do Galo: variações sobre o mesmo tema* e acrescentam nova interpretação à narrativa machadiana.

Assumindo uma perspectiva comparatista, integram-se os ensaios de Lúcia Granja, Marta de Senna e Regina Zilberman. Professora da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –, Lucia Granja, em “De silêncios e silenciamentos: *Dom Casmurro* e *Um copo de cólera*”, analisa os romances de Machado de Assis e o Raduan Nassar para apontar suas afinidades quanto ao tratamento da relação erótico amorosa.

A autora aponta que, em ambas as obras, a figura masculina ocupa a função de narrador, provocando um silenciamento da voz feminina, o que revela um jogo de poder. Em *“Dom Casmurro e São Bernardo: vozes da solidão”*, a pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, Marta de Senna, aproxima Machado de Assis e Graciliano Ramos. A ensaísta mostra semelhanças entre os romances, como os narradores enciumados que suprimem e modificam fatos, o desejo de assassinar a companheira e a consciência da impossibilidade de comunicação entre as pessoas. Regina Zilberman, professora da UFRGS, no ensaio *“Autores póstumos: de Brás Cubas à mulher que escreveu a Bíblia”*, realiza comparações entre as obras *Memórias Póstumas* e *A mulher que escreveu a Bíblia*, de Moacyr Scliar. Zilberman aponta aproximações entre as duas narrativas afirmando, por exemplo, que possuem referências bíblicas e que tratam do tema da criação do universo.

Já o doutor pela Princeton University, Marcelo da Rocha Lima Diego, em seu ensaio *“Machado e Nelson: matrizes da perversão”*, estabelece uma continuidade entre o escritor do século XIX e o do XX no que tange ao tema da perversão. Para isso, Diego disserta sobre referências feitas por Nelson Rodrigues a Machado de Assis em textos jornalísticos, sobre as relações dos dois escritores com o jornalismo, o teatro e a cidade do Rio de Janeiro e sobre a coincidência de temas e enredos nas produções dos dois escritores.

Marisa Lajolo – professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie e docente aposentada da Unicamp –, no ensaio *“Monteiro Lobato: assíduo, dedicado e amoroso leitor de Machado de Assis”*, assinala que o escritor carioca foi um assunto recorrente para Monteiro Lobato. Mencionado em cartas e referido em textos, Machado de Assis foi tratado como a excelência literária para o criador do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Em *“Machado de Assis, Woody Allen e o narrador problemático”*, Paul Dixon – professor de literatura brasileira e hispano-americana na Purdue University –, explora ressonâncias de Machado de Assis no cineasta norte-americano. Para isso, o ensaísta vale-se do romance *Memórias Póstumas* e dos filmes *“Noivo neurótico, noiva nervosa”* e *“Memórias”*.

A professora de literatura inglesa da USP, Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, no texto *“Rosa, leitor de Machado”*, disserta sobre as menções a Machado de Assis feitas por Guimarães Rosa e sobre os projetos estéticos de ambos os escritores. A obra de Machado aparece em anotações de Guimarães Rosa, que tentou manter o máximo de discrição a respeito de suas opiniões sobre o escritor fluminense e, conforme Vasconcelos, parece ter sido uma sombra para o criador de *Grande Sertão: veredas*.

O último ensaio da obra, *“Machado de Assis na biblioteca portuguesa: Pedro e Paula, de Helder Macedo, e o modelo virado do avesso”*, é de autoria de Teresa Cristina Cerdeira da Silva, professora de literatura

portuguesa da UFRJ e bolsista do CNPq. A ensaísta discorre sobre as alusões ao romance *Esaú e Jacó* presentes na obra de Helder Macedo, para quem as relações com a narrativa machadiana iniciam no título, com a alusão aos gêmeos Pedro e Paulo, e percorrem a obra em um cotejo intertextual.

Os ensaios reunidos em *Machado de Assis: permanências* cumprem o exposto pelos organizadores: discorrem sobre as relações de autores, cujas produções posteriores às “bruxo do Cosme Velho”, com ele dialogam. Por englobar ensaios de um seleto grupo de pesquisadores, a maioria com ampla experiência na investigação da obra machadiana, o livro *Machado de Assis: permanências* é destinado a acadêmicos da área de Letras e a interessados nos estudos da obra de Machado de Assis. De modo geral, os textos do livro corroboram com o posicionamento dos organizadores, Hélio de Seixas e Marta de Senna, exposto na Apresentação: Machado de Assis não deixou seguidores de seu projeto artístico e estilístico e continua a se apresentar como uma figura ímpar na literatura nacional.